

Relatório específico 1 do fluxo direitos

Política, psiquiatria do desenvolvimento e resiliência: primeiras anotações sobre os *novos arranjos epidemiológicos*¹

A passagem do século XX para o XXI trouxe a exacerbação de estudos e pesquisas neurocerebrais diante da valorização das neurociências conectadas a variados investimentos políticos, com ênfase especial em crianças e jovens. A psiquiatria se renovou, redimensionando a denominada *psiquiatria da infância e da adolescência*, que ganhou vulto a partir da ditadura civil militar no Brasil, na atual *psiquiatria do desenvolvimento*. Em 2009, foi criado o Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento (INPD), acoplado ao complexo do Instituto de Psiquiatria da USP (IPQ) que sedia conjuntamente múltiplos laboratórios de neurociências, como o LIM 23 e o LIM 27.

No mesmo ano de sua inauguração o INPD deu início a 16 projetos multicêntricos específicos, dentre eles o *Projeto Prevenção*, sub-intitulado de *Projeto de Alto Risco para o desenvolvimento de problemas de Saúde Mental na Infância e de Resiliência*. Busca-se neste relatório específico do fluxo direitos apresentar e breves conexões entre as procedências e efeitos histórico-políticos do INPD, do Projeto Prevenção e do espraiamento do tema da resiliência acopladas a “novos arranjos epidemiológicos”, voltados ao governo das condutas que se expressam de forma explícita na tentativa de apaziguamento de crianças e jovens.

Fissuras

Fissuras presentes e distantes da loucura refeita para ser contada em narrativa.

¹ Este Relatório específico de fluxo direitos corresponde ao esboço inicial em texto apresentado no Simpósio Temático 026. “Racionalidade neoliberal, edição cultural e memória das transformações”, Coordenador: Edson Passetti, no XXI Encontro Estadual de História *Trabalho, cultura e memória* (ANPUH/SP). Campinas, 03 a 06 de setembro de 2012. Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Não há sintaxe possível no vão de cabê-la em seus efeitos *plexos*. De seus vestígios desconexos, em miasmas partidos e perseguidos pelos psiquiatrizadores da ordem.

Interessa um Artaud inestancável que jamais se deixou institucionalizar. Nas fendas incididas. Nas fissuras inapreensíveis.

Nas fendas incididas. Um tato, um tateio em sua própria pele. Contrapelo. Roçar de superfícies. Artaud em pesa-nervos, *considero-me em minha minúcia. Ponho o dedo no ponto preciso da fissura, do deslizamento inconfesso*.

No musgo tenro, nos líquens úmidos em frescor.

Um Foucault convulso. Na guinada. Num tão diferente diverso. Vastidão rara. Na guinada um deslocamento.

Cursos livres em toques precisos. Um Foucault distante da história da loucura. *História da loucura* e os convexos da fenomenologia, as sobressalências de Kant, que viriam a ser sacudidas posteriormente, afastando-se dos entornos da interioridade. No deslocamento da guinada, no curso livre o interesse já não habitava na insidiosa exclusão ou na história das instituições. Entretanto, não é da negação do que havia ali que Foucault passará a situar novos enfrentamentos. Distante, portanto, da idéia, do conceito de *desenvolvimento* de seu próprio trabalho.

Foucault no curso livre *O poder psiquiátrico* não toma a *História da loucura* como origem, mas a considera em seu instante de interrupção, retorna, para novo arranque de retomada, não do mesmo, apenas a partir de novos problemas atravessados por certo número de diferenças diz ele (Foucault, 2006: 16-21). Em meio a eles e dentre elas, interessa, por ora, uma breve, específica. É por meio das crianças, e não da criança louca, que o poder psiquiátrico possibilitará sua própria existência como prática que expressa uma política, sua disseminação, como o reverso do que intitula como doença, em termos de normalizações específicas, enquanto gestão calculista da vida e governo de populações.

Arremesso seguinte a novo curso livre, *Os anormais* (Foucault, 2001), desaguando na psiquiatrização da ordem. E no seu ápice, de baixos começos, o monstro político e moral, o anarquista, cuja procedência situa-se, preferencialmente, na criança incorrigível, indomesticável, insubmissa, indomável. Uma fissura que interessa a esta exposição, fratura inclemente voltada para a ruína da política, ao explicitar o que nela repousa e insiste em refúgios recônditos, e hoje em palatáveis acomodações de sua

própria sustentabilidade, tornadas práticas e estilos de vida higiênicos, assépticos, seguros, preventivos atualizados pela *resiliência*.

E a psiquiatria se renova e é restaurada pelas neurociências. Em um duplo complementar sob os efeitos de investimento proporcionados pela resiliência. A prisão permanece e o manicômio também. A quem interessa mantê-los, sustentá-los, a eles servir e deles se sustentar? Ainda que haja um fiapo de suas continuidades intactas ou redimensionadas, e não é só um fiapo que persiste, isto já seria o bastante para deflagrar um fogo vivo e incontornável diante de um presente que urge.

No mais, o que sobra são os gestores da miséria alheia, e da sua própria, os filantropos, os bem intencionados, as boas e más consciências, os repressores e os acolhedores, que preferem detectar e prognosticar epidemias, endemias, pandemias, reconfigurando territórios abertos em campos flexíveis, como forma de não abrir mão da moral e de seus dispositivos protetores.

É na moral que incide a peste, e nenhuma fronteira, soberania ou governo é capaz de geri-la ou contê-la. A peste, suas fissuras e seus efeitos de liquidação. E elegantes livres, indomáveis, não temem passear sobre os ossários.

“Todos aqueles que têm pontos de referência no espírito, quero dizer, de um certo lado da cabeça, em bem localizados embasamentos de seus cérebros, todos aqueles que são mestres de sua língua, todos aqueles para quem as palavras têm um sentido, todos aqueles para quem existem altitudes na alma, e correntes no pensamento, aqueles que são espíritos da época, e que nomearam essas correntes de pensamento, eu penso em suas tarefas precisas, e nesse rangido de autômato que espalha aos quatro ventos seu espírito,

— são porcos.

Aqueles para quem certas palavras têm um sentido, e certas maneiras de ser, aqueles que mantêm tão bem os modos afetados, aqueles para quem os sentimentos têm classes e que discutem sobre um grau qualquer e de suas hilariantes classificações, aqueles que crêem ainda em ‘termos’, aqueles que remoem ideologias, que ganham espaço na época, aqueles cujas mulheres falam tão bem e também estas mulheres que falam tão bem e que falam das correntes da época, aqueles que crêem ainda numa orientação do espírito, aqueles que seguem caminhos, que agitam nomes, que fazem bradar as páginas dos livros,

São os piores porcos.

Você é bem gratuito, moço!

Não, eu penso em críticos barbudos.

E eu já lhes disse: nada de obras, nada de língua, nada de palavra, nada de espírito, nada.

Exceto, um belo Pesa-nervos” (Artaud, 1995: 209-210).

De exasperar, primeiro flash instantâneo

Projeto Prevenção e o Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento

O *Projeto Prevenção*, sub-intitulado de *Projeto de Alto Risco para o desenvolvimento de problemas de Saúde Mental na Infância e de Resiliência*, é um projeto colaborativo entre a Universidade São Paulo (USP), a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e a Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Ele tem o apoio do governo de ambos os estados e da empresa Nestlé, a mesma que apóia oficialmente, o Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento (INPD), criado no ano de 2009, e que funciona vinculado ao Instituto de Psiquiatria da USP, ao qual se conjugam também vários laboratórios, dentre eles o Laboratório de Neurociências da USP (LIM 27).

O *Projeto Prevenção*, sediado no novo Instituto, tem por objetivo estudar crianças, entre 6 a 12 anos, em escolas estatais de São Paulo e Porto Alegre para “entender o desenvolvimento normal e anormal de crianças com alto e baixo risco para problemas de saúde mental (<http://inpd.org.br/>)”, apoiando-se nas neurociências e também no conceito de resiliência.

O projeto foi iniciado em 2009, concomitante à fundação do INPD e está dividido em 5 fases com seus respectivos protocolos. “Fase 1 (out a dez de 2009): Triagem de matrícula de 15 mil crianças; Fase 2 (fev a jun de 2010): Entrevista domiciliar de 2.500 crianças e coleta de saliva (inclusive dos familiares biológicos); Fase 3 (fev a jun de 2010) Avaliação neuropsicológica e fonoaudiológica; Fase 4 (fev a jun de 2010) Avaliação com ressonância magnética de 750 crianças. Fase 5 (após um ano) Avaliação domiciliar, nela as crianças serão convidadas a repetir todo o protocolo aplicado anteriormente. O projeto encontra-se em execução, concomitante à pesquisa.

De exasperar, primeiro zoom

Uma Associação Psiquiátrica, um novo periódico e um novo Instituto Psiquiátrico

No início de 2009, a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) lança um novo periódico, a revista *Debates psiquiatria hoje* e seu número inaugural é dedicado à “psiquiatria do desenvolvimento” e “prevenção em saúde mental”, com destaque para a matéria de capa explorada a partir de longa entrevista sobre a criação do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento (INPD), inicialmente coordenado pelos psiquiatras Eurípedes Constantino Miguel Filho, Luiz Augusto Rohde e Marcos Tomanik Mercadante, [e] atualmente apenas pelos dois primeiros²

Neste relatório específico, interessa pontuar de forma brevíssima dois momentos da composição do periódico: o artigo que se situa na sessão intitulada “política” e suas articulações com a psiquiatria, a Associação Nacional de Psiquiatria (ANP), saúde mental e segurança; por fim na sessão “entrevista[“], o INPD e suas conexões com a psiquiatria do desenvolvimento pela via neurociências, apontando para pequenas sinalizações de *novos arranjos epidemiológicos* em funcionamento.

Política. Breve apontamento.

Na sessão da revista intitulada “Política” se reproduz versão revista e atualizada do artigo “A clínica da reforma: o que é e o que pode vir a ser” apresentado por Luiz Alberto B. Hetem (jovem psiquiatra e neurocientista; vice-presidente da ABP e docente no Programa de Saúde Mental do Departamento de Neurociências e Ciências do Comportamento da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto-USP) no *Colóquio Psiquiatria e Saúde Pública: atualizando agenda da reforma psiquiátrica Brasileira*, ocorrido no Rio de Janeiro em julho de 2008.

O artigo de Hetem é emblemático diante dos atuais investimentos na naturalização da indisce[r]nibilidade deliberada entre o incompatível: saúde e psiquiatria.

E no meio disso, a expansão do lucrativo negócio das medicalizações e da indústria farmacológica. Seu artigo estampado no periódico é acompanhado de anúncio colorido de mais um psicotrópico com o carimbo de “Novo”. Eis a chamada

² Marcos Tomanik Mercadante morreu no primeiro semestre de 2011.

publicitária: “Invega ou Paliperidona, organiza a mente e a vida (*Revista Debates Psiquiatria hoje*, 2009: 11)”

Hetem, retraduz a reiteração do efeito da relação de forças expressa pela equação saúde mental e vida psiquiatrizada, sob o conveniente e oportuno respaldo clínico, hospitalar, farmacológico, terapêutico, assistencial, neurobiológico e científico. Conjuga, simultaneamente, em termos políticos a justificativa da continuidade da existência de psiquiatras como se estes fossem inerentes à vida e assegura-se de perpetuar de antemão a Associação a qual pertence[m], que não se reduz ao jogo quimérico de uma corporação, ao definir o que vem a ser o papel da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP) e o aceno do que pretende vir a ser.

“A Associação Brasileira de Psiquiatria deveria participar de discussões técnicas visando o aprimoramento da assistência ao paciente com transtorno mental, no que diz respeito a prática psiquiátrica. Sem dúvida, poderia auxiliar no desenvolvimento e implantação de serviços de atenção primária, colaborar no planejamento de políticas de saúde para populações específicas (crianças e adolescentes, idosos, pacientes no sistema prisional), assessorar na implementação de verdadeira rede de serviços de assistência, contribuir na avaliação técnica dos diversos serviços, fornecer subsídios para a expansão do Programa de Medicamentos Excepcionais e auxiliar na capacitação das equipes, especialmente na formação e educação continuada dos psiquiatras. Evidentemente, não cabe à ABP garantir que essas proposições sejam acatadas. O que se pode fazer, já que não podemos implantar, além de propor e assessorar, é verificar e fiscalizar. Afinal, se é verdade que não há saúde sem saúde mental é preciso que se admita que não há saúde mental sem o psiquiatra” (Hetem, 2009: 14-15).

No seu extremo, que já era seu próprio ponto de partida tautológico, Hetem assegura seu emprego e acena para galgar novos postos em governos capazes de fomentar e gerir a designada “política de saúde mental”. Hoje uma das caras mais atuais das chamadas “políticas públicas”. E Hetem, uma das múltiplas faces políticas das polícias de toda ordem.

O INPD, Psiquiatria do Desenvolvimento e *novos arranjos epidemiológicos*. Breve apontamento.

Uma das procedências das políticas públicas, como mostrou Foucault (1990; 2009), concomitantes a uma das vias do nascimento da medicina social, são encontradas em seus contrapontos histórico-políticos complementares à razão de Estado e à polícia-médica, os baixos começos da polícia indissociável do que passou a ser denominado de

políticas sociais e no Brasil chamado de políticas públicas. Seus deslocamentos e redimensionamentos atuais e as novas configurações que assumem hoje se conectam, também, a partir de intermináveis itinerários fluidos e difusos de *novos arranjos epidemiológicos*.

“A epidemiologia aqui não é só técnica. Já não era. Se seu conjunto de termos e instrumentos e práticas foram trazidos para a política pela governamentalização do Estado, como tecnologia de poder, foi pela via da prevenção geral que isto se tornou possível, e isto já em um de seus inúmeros começos pela polícia médica, marcando um vínculo indissociável entre saúde pública e segurança e a própria “saúde do Estado”, já no século XIX, e seus alvos eram, preferencialmente, crianças, jovens e anarquistas, mulheres, loucos e subversivos. Isto aos poucos foi se transformando por práticas muito precisas. Os deslocamentos se deram em sucessões que iam do preventivo ao preditivo e eles atravessaram o século XX, variando, também, eugenias evolutivas genéticas e eugenias evolutivas de meio ambiente. No início do XXI, foi pelo viés da prevenção geral que os investimentos em políticas de segurança passaram a combinar a partir de práticas epidemiológicas buscando obter “algorítimos do risco” e a produção de mapas estatísticos georreferenciados, deslocando os investimentos para programações colaborativas em torno de governos das chamadas vulnerabilidades por meio da denominada “melhoria da qualidade de vida”. Hoje, é possível sinalizar que nestes novos arranjos epidemiológicos o que está em jogo é, também, a “restauração da saúde do Estado” pela via de uma *prevenção geral colaborativa e compartilhada*, que deixa intocada o regime da propriedade indissociado do regime do castigo, consolidando nestes novos arranjos epidemiológicos seus itinerários fluídos e difusos, onde o que está em jogo são os empreendedores voluntários na melhoria de si e dos outros. (NU-SOL, 2011: online.)”

Na sessão entrevista encontra-se a exposição do que um dos os coordenadores do INPD, Luiz Augusto Rohde, denomina as três faces do projeto que basearam a criação a criação do Instituto e orientam seu funcionamento.

“Primeiro, um grande estudo epidemiológico em cidades com menos de 1 milhão de habitantes (...). Existe toda essa perspectiva epidemiológica conectada com uma segunda perspectiva, inserida na Psiquiatria do Desenvolvimento, onde uma série de projetos vai melhorar o reconhecimento e o entendimento das determinantes dos quadros psicopatológicos na infância e adolescência ou das situações de risco de crianças que ainda não tem o transtorno, mas estão em risco. Então, vamos ter um curso de formação no sentido de aparelhar o psiquiatra que faz parte da academia para que ele possa, mais adiante, divulgar esse conhecimento nas suas regiões. É uma espécie de nucleação desse conceito da psiquiatria do desenvolvimento. Além disso, através de todo o sistema de telemedicina, há o projeto que vai chegar até os postos de saúde da família, no sentido de capacitar o pediatra e o médico de saúde da família de algumas regiões (ROHDE, 2009: 19).

É possível que a epidemiologia hoje apresente novos contornos voláteis pela via do investimento na resiliência, e encontre sua consolidação na “Epidemiologia dos

transtornos psiquiátricos do desenvolvimento” e na “Prevenção em psiquiatria da infância e da adolescência”.

É curioso notar que uma brevíssima pesquisa sobre a atual psiquiatria do desenvolvimento, e sua ênfase na prevenção e na epidemiologia, apresenta correlações com autores voltados ao fortalecimento da resiliência e que também estão presentes em estudos, programas e práticas atravessados pelo conceito de “ecologia do desenvolvimento humano”, advindo de estudos sistêmicos, testados com crianças e jovens, do psicólogo russo, radicado nos EUA, Urie Bronfenbrenner (1996).

A psiquiatria se renova e se restaura, também, por incursões das neurociências. Não há dúvida. E as formas políticas que isto adquire ficam cada vez mais definidas por meio dos contornos dilatados diante dos efeitos mínimos e de grandes vultos almejados pelo *Projeto Prevenção* em consonância com os 16 projetos multicêntricos do INPD instalados no país, envolvendo um amplo consórcio internacional com universidades estrangeiras, voltados a municiar um monumental aporte para mapeamentos e controles neuropsiquiátricos de crianças e jovens.

“Na verdade, é a primeira vez que o CNPq junta forças com as fundações estaduais de incentivo à pesquisa e oferece uma]oportunidade de verba significativa para o desenvolvimento científico nos moldes do mercado europeu e dos EUA. São 16 projetos interconectados. Em cada projeto existe uma equipe grande e, para cada projeto, existem metas a serem cumpridas. Isso mostra uma mudança de ares do ponto de vista governamental no sentido de poder ter uma receptividade sobre a importância de investir em saúde mental de crianças e adolescentes (ROHDE, Idem)”.

Cabe arriscar, por hora, que um dos possíveis pontos de articulação dos *novos arranjos epidemiológicos* se conecta a partir de práticas derivadas de um investimento político cada vez mais intensificado em torno da resiliência. Na questão específica de crianças e jovens, eles assumem uma forma política a partir da psiquiatria do desenvolvimento, apresentando algumas de suas conexões com a “ecologia do desenvolvimento humano” redimensionada, posteriormente, em “bioecologia do desenvolvimento humano”(KOLLER, 2004; YUNES e JULIANO, 2010)³

³ Maria Angela Mattar Yunes é graduada em Psicologia, mestre em Psicologia do Desenvolvimento, doutora em Educação (Psicologia da Educação). É professora colaboradora no Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande/FURG e coordenadora do Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua - CEP-RUA da FURG. Coordenadora do Núcleo de Estudos e Atenção às Famílias - NEAF/FURG. Coordenadora do Comitê Assessor (Educação e Psicologia) da Fundação de Apoio à Pesquisa do Rio Grande do Sul/FAPERGS. Maria Cristina Juliano é graduada em Direito, Mestre em Educação Ambiental. Atualmente é doutoranda em Educação Ambiental na Universidade Federal do Rio Grande. Tem experiência na área de Direito, com

Os *novos arranjos epidemiológicos*, simultaneamente, expandem *campos resilientes* pela multiplicação de controles dos chamados “transtornos externalizantes”⁴ em crianças e jovens como os que orientam o INPD, (MIGUEL FILHO e ROHDE 2008; POLANCZYK e LAMBERTE, 2012; INPD: Vídeo online) à denominada educação ambiental, também, parametrada pelo conceito de “bioecologia do desenvolvimento”, passando pelas conexões entre monitoramentos em meio aberto até recolhimento de crianças e jovens em abrigos e manutenção de cárceres para jovens no Brasil conjugada à sua conservação e proliferação restaurada.

“Quem pede ‘políticas públicas’ pede polícia”, lembra Edson Passetti ao estancar as palavras e mostrar que elas não são neutras, são efeitos de lutas, em uma corajosa exposição abolicionista libertária, a favor do fim da prisão para jovens no Brasil, na Vara da Infância e da Juventude, em 2008. Quando com destemor ele enfrentava o que naquele momento se sedimentava em torno da enorme receptividade no país da justiça restaurativa como uma das mais novas “políticas públicas” para crianças e jovens com seus vínculos indissociáveis com a polícia, aprisionamentos, e monitoramentos a céu aberto. (PASSETTI, 2004; 2006; 2012)

E a polícia nunca esteve tão aí, e pronta a atender, cuidar e proteger sob a cara do psiquiatra, do médico, do pedagogo, do filósofo, do assistente social, do psicólogo, do neurocientista, juiz, do advogado, do promotor, dos mediadores alternativos e restaurativos, ou da mocinha letrada de família abastada, ou da senhora carrancuda e carcomida, da grã-fina entediada, do executivo promissor repleto de responsabilidade social e ambiental, do militante *wébico* ou do[s] meninos e meninas da favela e suas *correrias* intercaladas pela formação de algum programa de educação na escolinha mesmo ou à distância ou por algum projeto da comunidade, ou derivações traduzidas em metas de recuperação, reabilitação, pacificação. Tudo em nome da segurança. Reescrita, também, sob a designação da proliferação de direitos e da segurança cidadã.

ênfase em Direito da Criança e do Adolescente, atuando principalmente nos seguintes temas: criança e adolescente, Educação Ambiental, Estatuto da Criança e do Adolescente, Conselho Tutelar e Redes Sociais.

⁴ O conceito de Transtorno externalizante será trabalhado no ano de 2013. A atenção a ele se deve a retornos recebidos a durante a exposição na ANPUH pelo coordenador deste PTE. Foi pela a atenção dada a este conceito que se mostrou pertinente trabalhar também, na próxima etapa da pesquisa, um detalhamento maior às implicações políticas do conceito de externalidade em entradas variadas.]

E eis que na esquina meninos e meninas são solapados pelo acerto. E na via de mão dupla, mais um vão que trafega ora no tribunal, ora no extermínio. Ora no abrigo, ora na prisão. Ora na liberdade assistida, ora na semi-liberdade, ora nos CAPS's, ora na prestação de serviço à comunidade, ora no manicômio ora na internação. E mais pra lá da esquina outro vão. A desova. E tudo isso cultivado com muita *saúde mental e qualidade de vida*.

Bibliografia

- ARTAUD, Antonin (1995). "O pesa-nervos" In: *Linguagem e vida*. Tradução de Maria Lucia Pereira et alli. São Paulo: Editora Perspectiva.
- FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica. Curso em Collège de France (1978-1979)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- _____, Michel (2006). *O poder psiquiátrico: curso no Collège de France (1973-1974)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- _____, Michel (2001). *Os anormais: curso no Collège de France (1974-1975)*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes.
- _____. (1990). *La vida de los hombres infames*. Tradução de Julia Varela e Fernando Álvares Uría. Madri: Ediciones la Piqueta.
- NU-SOL (2011). *Hypomnemata 135 – Tecnologias de governos das ruas*. São Paulo: Nu-sol – Núcleo de Sociabilidade libertária do PEPG em Ciências Sociais da PUCSP. <http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=163>
- PASSETTI, Edson (2012). "Loucura e transtornos: políticas normalizadoras". In *Revista Ecológica n. 2*. São Paulo: Nu-Sol - Projeto Temático Fapesp *Ecológica*, dez 2011-mar de 2012.
- _____, Edson (2006). "Ensaio sobre um abolicionismo penal" In *Revista Verve n. 9*. São Paulo: Nu-Sol, pp. 83-114.
- _____, Edson (2004). "Segurança, confiança e tolerância: comandos na sociedade de controle. In In: *São Paulo em Perspectiva*. São Paulo, v. 18, n. 1, pp. 151-160.

Ecologia e Bioecologia do Desenvolvimento Humano

- BRONFENBRENNER, Urie (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: Experimentos naturais e planejados*. Tradução de M. A. Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1979).
- KOLLER, Silvia Helena (org) (2004). *Ecologia do Desenvolvimento Humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- YUNES, Maria Angela Mattar e JULIANO, Maria Cristina (2010). "A bioecologia do desenvolvimento humano" In *Cadernos de educação n. 37*. Pelotas: FaE/PPGE/UFPel, setembro/dezembro 2010, pp. 347 - 379.

Psiquiatria do desenvolvimento

- HETEM, Luiz Alberto B. (2009). "A clínica da reforma: o que é e o que pode vir a ser" In *Debates: psiquiatria Hoje*, Vol. 1- N. 1. São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria.

POLANCZYK, Guilherme Vanoni e LAMBERTE, Maria Tereza Martins Ramos (2012). *Psiquiatria da infância e adolescência*. Barueri: Editora Manole.
ROHDE, Luis Augusto; et ali (2009). “Entreviasta” In *Debates: psiquiatria Hoje*, Vol. 1- N. 1. São Paulo: Associação Brasileira de Psiquiatria.

Psiquiatria do Desenvolvimento/Documentação consultada

MIGUEL FILHO, Eurípedes Constantino (Coordenador); ROHDE Luis Augusto (Vice-coordenador). *Projeto para a criação do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento: uma nova abordagem para a psiquiatria tendo como foco as nossas crianças e o futuro*. Institutos de Ciência e Tecnologia & Inovação do CNPq de 2008.

Resiliência

YUNES, Maria Angela Mattar e SZYMANS, Heloísa. “Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas”. In TAVARES, José. (org.). *Resiliência e educação*. São Paulo: Cortez, 2001.

DELL’AGLIO, Débora; KOLLER, Silvia Helena ; YUNES, Maria Angela Mattar Yunes. *Resiliência e psicologia positiva: interfaces do risco à proteção*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

Documentação consultada

MIGUEL FILHO, Eurípedes Constantino (Coordenador); ROHDE Luis Augusto (Vice-coordenador). *Projeto para a criação do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento: uma nova abordagem para a psiquiatria tendo como foco as nossas crianças e o futuro*. Institutos de Ciência e Tecnologia & Inovação do CNPq de 2008.

Disponível em <http://www.nutes.ufpe.br/telepsiquiatria/images/projeto/inct%20de%20pq%20do%20de%20senvolvimento%20para%20criancas%20e%20adolescentes.pdf>

Sites

Nu-Sol – Núcleo de Sociabilidade Libertária <http://www.nu-sol.org>

Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento <http://inpd.org.br/>

Vídeos

Vídeo Institucional do Instituto Nacional de Psiquiatria do Desenvolvimento

<http://inpd.org.br/videos/>